

MOITA, Tiago

*El libro hebreo iluminado en Portugal en la Edad Media (siglos XIII-XV)*

Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2021. 233 p. ISBN: 978-84-00-10839-7

CATARINA FERNANDES BARREIRA

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2023.15955>Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Estudos Medievais;  
Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal <https://orcid.org/0000-0002-0174-1025>

*El libro hebreo iluminado en Portugal en la Edad Media (siglos XIII-XV)*, é um estudo que resulta da tese de doutoramento de Tiago Moita, defendida em 2017, revista e dimensionada para a sua publicação pelo prestigiado CSIC. O livro está organizado em três partes. A primeira apresenta um estado da questão sobre a produção historiográfica, com particular destaque para as teorias e as controvérsias que estes códices originaram, desde os estudos datados de finais da década de 60, aos trabalhos mais recentes. Esta primeira parte termina com algumas considerações gerais a ter em conta sobre estes manuscritos, em particular em torno dos seus significados no contexto das comunidades judaicas, sobre a sua produção e decoração.

A abrir a segunda parte do livro, o seu autor apresenta, sob a forma de tabelas, a identificação das seis dezenas de códices hebraicos que foram copiados em Portugal entre os finais do século XIII e os finais do século XV, dos quais mais de metade (39) apresentam cólofon. Nenhum destes códices se encontra em Portugal, mas em bibliotecas públicas e universitárias, e também em coleções particulares, um pouco por todo o mundo. Da análise a este *corpus*, nomeadamente no que diz respeito à sua cronologia, destaca-se o século XV, nomeadamente a segunda metade, centúria que abarca 90% da datação dos manuscritos hebraicos portugueses. Salienta-se também Lisboa como o local onde mais de metade dos códices do *corpus* foram produzidos. Tiago Moita prossegue com uma análise contextualizada à tipologia de livros, isto é, ao seu conteúdo textual e aos seus usos, desde a Bíblia e suas tipologias (massorética, litúrgica e de estudo), aos comentários bíblicos, passando pelos livros de ciência e pelos tratados filosóficos.

De seguida, o autor faz a caracterização codicológica destes códices, em termos do suporte do texto, relacionando este critério com a própria tipologia do livro e conclui que o uso e as funções do livro foram fatores determinantes para a escolha do material de suporte – pergaminho, papel ou ambos. Embora o número de códices que nos chegou com a encadernação primitiva seja muito diminuto, a análise das encadernações e das suas características também mereceu a atenção de Tiago Moita. Nos códices hebraicos portugueses, a presença de cólofon constitui-se como fundamental pelo conjunto de informações que fornece, nomeadamente em relação à data, ao local de produção, ao comitente e, por fim, ao executante do códice – o copista ou o escriba. Esta distinção, entre escriba e copista, é significativa: o primeiro era um profissional que copiava manuscritos de forma remunerada e que mencionava o nome do destinatário; o copista executava a cópia para seu uso pessoal e, por este motivo, não fazia sentido a menção ao destinatário no cólofon. Há nomes comuns, isto é, havia indivíduos na comunidade hebraica que produziram vários códices como resposta a encomendas e que também copiaram códices para seu uso pessoal.

---

Tiago Moita detém-se, em seguida, no percurso biográfico de alguns destes escribas e copistas, bem como dos comitentes. Ao reconstituir os perfis biográficos de quem copiava e, em particular, de quem encomendava estes códices, bem como os locais onde a produção tinha lugar, o investigador tornou acessível ao mundo académico um conjunto de informações sobre estes indivíduos, nomeadamente em relação ao contexto cultural onde todo este processo decorria, bem como das circunstâncias que rodearam a sua produção. Os comitentes, na sua maioria concentrados em Lisboa na segunda metade do século XV, eram membros da elite da comunidade hebraica portuguesa, alguns próximos da corte, onde obtiveram privilégios reais, quer fossem mercadores, ou físicos ou mestres, com poder de compra e interesse em encomendar estes códices iluminados. Alguns pertenciam a famílias antigas, com antepassados ligados à corte e ao poder real (usavam o termo honorífico Don, o que é exemplo de notoriedade social).

Tiago Moita foca-se, de igual modo, nos incunábulo hebraicos portugueses, importantes para, em confronto com os códices mencionados, percebermos os interesses culturais da comunidade hebraica portuguesa da década de 1487-1497 e também as particularidades deste conjunto de livros. Em primeiro lugar, a produção em hebraico corresponde a cerca de metade da produção de incunábulo de origem portuguesa que se conhece (de entre um conjunto de incunábulo impressos em latim, português e castelhano). Esta produção teve lugar em três ateliês, a funcionar nas cidades de Faro (o mais antigo), Lisboa e Leiria (estes dois últimos relacionados entre si), com a apresentação dos devidos impressores. Também estes incunábulo foram alvo de uma caracterização, em relação ao seu conteúdo (onde predominam os livros bíblicos e seus comentários) e análise codicológica, destacando os pontos de continuidade e de descontinuidade face à produção manuscrita hebraica, desde a escrita à encadernação, terminando na análise da decoração. A segunda parte do livro termina com um capítulo dedicado ao percurso dos manuscritos e dos incunábulo hebraicos do corpus de estudo depois da expulsão dos judeus e do confisco dos seus livros por D. Manuel. A maior parte dos livros confiscados aos judeus foram depositados na sinagoga de Lisboa, mas alguns foram subtraídos clandestinamente, outros queimados, outros desmembrados e os seus fragmentos reutilizados noutros livros. Para uma boa porção dos livros sobreviventes, que constituem o *corpus* em estudo, o autor reconstituiu a sua trajetória graças às notas e textos marginais, às (novas) iluminações agregadas aos livros, às assinaturas de compradores entre outras marcas de posse e também a documentos de venda.

Tiago Moita dedica a terceira parte deste livro à escola de iluminura hebraica de Lisboa, cuja produção se situa entre 1469 e 1496/7, com um enfoque particular para as décadas de 1480 e 1490, quando estes ateliers desenvolveram uma intensa atividade ao serviço da comunidade judaica. A partir da análise das características artísticas deste *corpus*, o autor pretende identificar os elementos comuns, as tipologias, os programas decorativos, mas também as divergências entre os códices. Para pôr este exercício em prática, Tiago Moita divide esta análise em três partes, dedicando a primeira aos manuscritos hebraicos decorados por escribas em Lisboa (6), Évora (1) e Moura (1), entre Bíblias litúrgicas, Bíblias completas e um Saltério. A ornamentação destes códices, feita a partir do uso da pena, integra-se nas seguintes características: emprego abundante da micrografia para criar formas geométricas; uso de enquadramentos com motivos entrançados e/ou vegetalistas; ausência ou utilização pontual da cor;

programas decorativos de influência islâmico-mudéjar e, por fim, acentuado aniconismo. De destacar que, dentro destas características, há diferenças entre o que caracteriza a produção de Lisboa, das outras duas cidades alentejanas (Évora e Moura) que apresentam influências mais acentuadas da decoração islâmico-mudéjar.

A segunda parte da análise centra-se nos manuscritos iluminados cuja decoração foi feita a partir do uso do pincel, cuja produção teve lugar nas décadas de 1480 e 1490, e em Lisboa. Como afirma o autor, do ponto de vista estilístico, este tipo de decoração iluminada revela importantes pontos de contacto com a cultura visual latino-cristã, apresentando uma linguagem artística moderna, internacional e intercultural característica do gótico tardio, com incursões ao gosto proto-renascentista, em alguns aspetos, de qualidade artística superior em relação às iluminuras em códices latino-cristãos, pela diversidade cromática e pelo uso de metais nobres. Neste âmbito, Tiago Moita distingue dois grandes grupos de manuscritos, cada um atribuído a dois ateliês diferentes a funcionar em Lisboa, a partir dos quais identifica e caracteriza os respetivos conjuntos/corpus em relação aos motivos utilizados. Divide ainda o Grupo 1 em subgrupos mais pequenos, neste caso, em cinco modelos decorativos (que sofreram, entretanto, desenvolvimentos, quer em novos modelos, quer em submodelos), a partir das tipologias de orlas iluminadas dos fólhos, profusamente ilustrado com imagens exemplificativas. O autor explica também quais eram as funções destas orlas pintadas e qual a sua relação com os textos, dentro dos códices em análise. Todos os dados são apresentados sob a forma de tabelas explicativas, que ajudam a estruturar as informações. Tiago Moita detém-se num códice que se destaca deste conjunto, a *Mishneh Torah*, produzida entre 1471 e 1472, para em seguida analisar os painéis com motivos filigranados a emoldurar palavras. Interessante, as páginas tapete com rosetas em micrografia. Segue-se a identificação do *corpus* respeitante aos manuscritos do Grupo 2, as características das suas iluminuras, dos motivos usados, a paleta cromática e respetiva análise. O autor sugere que este último conjunto de códices possa ter sido produzido por um segundo ateliê de iluminura hebraica de Lisboa, distinto do que produziu os códices do Grupo 1. Por fim, um conjunto de manuscritos de carácter híbrido, que se deveu, talvez, à chegada a Lisboa de judeus e conversos castelhanos a Portugal. Neste âmbito, temos a Bíblia de Filadélfia que, pese embora ter sido produzida em Lisboa, reflete, do ponto de vista das suas iluminuras, as características dos códices hebraicos castelhanos. Foi esta circulação de escribas e iluminadores pela Península Ibérica no último terço do século XV que esteve na origem de outros códices, de tipologia andaluz, ou mudéjar e/ou de tipologia híbrida.

Por fim, o livro termina com um capítulo sobre as influências artísticas que estiveram na origem das características da iluminura hebraica em Portugal no último terço do século XV, uma combinação entre elementos nacionais e internacionais que se apropriou de muitas outras influências. Tiago Moita conclui com uma reflexão sobre o significado cultural dos ateliês de iluminura hebraica de Lisboa.

Em síntese, este livro é uma obra fundamental do ponto de vista cultural e historiográfico por vários motivos, nomeadamente (1) pelo debate em torno do estado da questão, contextualizando os vários estudos até ao momento sobre o assunto; (2) pela análise, sob diversas perspetivas, que o seu autor faz a todos os códices iluminados, produzidos pela comunidade hebraica portuguesa entre os séculos XIII e XV; (3) pela articulação com o estudo e análise codicológica dos incunábulo produzidos pela e para a comunidade hebraica, na segunda

---

metade do século XV, em particular pelo estudo da sua tipologia;(4) pelo estudo do percurso que estes livros (manuscritos e impressos) tomaram após a expulsão dos judeus portugueses entre 1496/7; por fim, (5) pelo estudo e caracterização da iluminação e da ornamentação dos códices hebraicos da segunda metade do século XV e do significado cultural da Escola de Lisboa.

Por último, gostaria de sublinhar que o livro se destaca pelo tratamento exaustivo e aprofundado de uma temática com várias décadas de produção científica, constituindo um contributo essencial para esta última, uma vez que acrescenta mais códices aos que eram conhecidos, desenvolve a questão dos contextos de produção, receção e circulação destes códices, da identificação dos escribas e dos copistas e, mais importante, contextualiza a produção hebraica na produção iluminada em Portugal, no geral, quer em contexto laico, de corte, quer em *scriptoria* de contextos monástico-conventuais. Por fim, dizer ainda que esta edição está profusamente ilustrada com imagens de fólhos exemplificativos dos vários manuscritos em análise. Tiago Moita e o CSIC estão de parabéns pela iniciativa e pelo significado deste contributo para os estudos em torno da produção manuscrita iluminada de origem portuguesa na Idade Média.